

O bandido, o repórter e a sagrada polícia - que práticas sociais a tríade do telejornalismo policial promove?¹

Janaine S. Freires AIRES²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Pretendemos refletir sobre as práticas sociais apresentadas a partir do cenário de uma reportagem policial. Como objeto de análise adotamos a cobertura do caso intitulado “Estuprador do Geisel”, promovida pela equipe do Programa Correio Verdade, da TV Correio, afiliada da Rede Record na Paraíba. Desejamos estimular uma ampla reflexão e discussão sobre o modelo de produção de um telejornal policial, contribuindo para o fortalecimento de uma comunicação democrática e de qualidade, capaz de promover a cidadania e os Direitos Humanos.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo policial; violência; direitos humanos; práticas sociais.

Nosso estudo busca gerar apontamentos sobre as práticas sociais implicadas na relação entre repórteres policiais, supostos delinquentes e a polícia. Nosso objetivo é entender como a relação entre o suposto criminoso e o repórter é estabelecida e quais são as implicações na construção do perfil do jornalista, do delinquente e da operação policial que resultou na apreensão e possibilitou o encontro.

Como objeto de estudo adotamos a abordagem promovida pelo programa Correio Verdade, do TV Correio de Comunicação, afiliada da Rede Record na Paraíba, na ocasião da prisão de Fábio Pereira de Sousa. Entendemos que os processos de comunicação são práticas sociais de produção de sentido, o que nos faz dialogar com os estudos da Semiologia dos Discursos Sociais. O caso analisado, portanto, será observado a partir do postulado de que há uma Economia Política do Significante e uma heterogeneidade enunciativa (PINTO, 1995). O que quer dizer que, como um fenômeno cultural, o sentido da abordagem promovida pelo programa é resultado das suas condições de produção, baseada em uma lógica de mercado (produção, circulação e consumo). E também que todo discurso emana de um conjunto complexo de vozes, cujo controle o enunciatador detém parcialmente.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 - GP Telejornalismo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - ECOPós, email: janaineaires@gmail.com

Fábio é acusado de ter cometido 16 estupros somente no estado da Paraíba e vinha sendo procurado pela polícia de outros 5 estados brasileiros, são eles: Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Bahia. Na Paraíba, o acusado se identificava com o nome falso Abner Machado Pereira Neto, inclusive durante as entrevistas para a imprensa, e foi preso no dia 28 de julho de 2011.

O Correio Verdade se inclui no contexto de produção telejornalística, e assim como a maior parte dos noticiários “oferece suportes de modelos de representação do mundo para manter a ordem social” (BECKER, 2005, p. 55). Desejamos saber quais modelos de representação se revelam a partir da nossa observação e da metodologia utilizada. Buscaremos marcas que nos permitam verificar como estas relações podem nos ajudar a examinar a mediação proposta, o vínculo estabelecido entre a produção e a recepção. Para isso, vamos analisar as matérias, relacionadas ao caso, exibidas entre os dias 29 de julho e 4 de agosto de 2011, de acordo como foram disponibilizadas na *homepage*³ do programa.

Compreendemos que a televisão não deve ser entendida como um instrumento de manipulação, mas como um meio capaz de mobilizar o público em torno de causas e que está situado em um universo repleto de prescrições morais compartilhadas. A linguagem televisual, sob a qual o Correio Verdade atua, é uma prática social, um modo de ação e uma relação dialética entre a prática e a estrutura social (FAIRCLOUGH, 2001).

Falamos, portanto, a partir de um lugar que reconhece a existência de uma capilaridade e de múltiplos efeitos promovidos pelos fenômenos comunicacionais. Visualizamos o Correio Verdade como um programa popular importante de ser analisado, sob os mais variados contextos e coberturas, já que estabelece, com uma parcela considerável da audiência televisiva paraibana, uma “conexão que deve ser investigada para que possamos aprender com ela e transcendê-la para a construção de um jornalismo popular de qualidade que interesse a esse público”. (AMARAL, 2005, p. 4)

³ Prisão do estuprador: Tenente coronel da PM conta detalhes da investigação <http://www.portalcorreio.com.br/correioverdade/matLer.asp?newsId=190520> | Emerson Machado conversa com estuprador <http://www.portalcorreio.com.br/correioverdade/matLer.asp?newsId=190785> | Estuprador carioca é transferido para presídio de segurança máxima <http://www.portalcorreio.com.br/correioverdade/matLer.asp?newsId=191209> | Estuprador: já são 16 vítimas e polícia revela que ele usava identidade falsa <http://www.portalcorreio.com.br/correioverdade/matLer.asp?newsId=190947> . É necessário ressaltar que as matérias publicadas na homepage podem ter sofrido edição antes de serem publicizadas e podem estar diferentes daquelas exibidas ao vivo.

Inflação televisual da violência

O predomínio do jornalismo policial no contexto audiovisual brasileiro é um fenômeno relativamente recente, que teve como uma de suas manifestações pioneiras o extinto programa “Aqui e agora” do SBT, do início da década de 1990. Mais tarde, programas como o Cidade Alerta (Record) e Brasil Urgente (Band) também ascenderam à cena audiovisual do país, inspirando programas similares nos contextos regionais.

Na segunda metade da década de 1990, a programação atravessou transformações significativas, principalmente pelo surgimento de programas caracterizados como “populares”. Carlos Alberto Àvila Araújo (2006, p. 48-49), destaca que, muito embora, essas transformações não possam ser classificadas como inéditas, as mudanças geradas com o investimento no que se denominou como “popular” gerou um movimento amplo de transformações envolvendo, de modo autoreferenciado, as emissoras. Argumentando que a TV nacional, portanto, passou a se preocupar com aspectos que historicamente não figuravam no conteúdo produzido, como: a ênfase nas pessoas comuns em oposição aos famosos; a preocupação de exibir fatos “reais” introduzindo-os, inclusive, no espaço dos programas de auditório; a exploração de fatos da vida privada; e a busca exagerada da audiência, em que em alguns casos pode-se sem grandes custos interromper quadros, alterar formatos e horários.

Transposta para os contextos regionais, esta “fórmula” de produção televisiva ganhou inúmeros adeptos e, nos espaços destes contextos, articulou o diálogo entre o entretenimento e a linguagem telejornalística. Na Paraíba, todas as emissoras de canal aberto⁴, exceto a TV Cabo Branco afiliada da Rede Globo, têm programas com este perfil. Para estabelecer nosso ponto de partida, cabe destacar a centralidade da Televisão e do Rádio como meios de informação na Paraíba. O estado tem 76,5% dos habitantes maiores de quinze anos alfabetizados, enquanto a média nacional é de 90%, perdendo apenas para Alagoas (74,3%) e Piauí (75,7%). Dados do IBGE (2006), indicam que o número de aparelhos de rádio e tv é superior a quantidade de computadores – o número de aparelhos de rádio é de 720.654; televisores 709.333; computadores 37.335.

O Sistema Correio de Comunicação é de propriedade do ex-senador Roberto Cavalcanti do Partido Republicano Brasileiro (PRB), que conseguiu chegar ao poder depois de uma intensa campanha pela cassação do ex-governador da Paraíba Cássio Cunha Lima

⁴ A saber, TV Arapuan, “Programa Cidade em Ação”; TV Clube, “Aqui na Clube”; e TV Tambaú, “Caso de Polícia”.

do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), para a qual seus veículos de comunicação foram fundamentais. Com a saída de Cunha Lima do cargo, o então senador José Maranhão, segundo lugar nas urnas, assumiu o posto de governador do estado e deixou vazia a cadeira do senado, que logo foi ocupada pelo suplente, no caso Roberto Cavalcanti.

A partir das eleições de 2010, com a derrota esmagadora de José Maranhão no pleito, o Sistema Correio de Comunicação deu uma guinada nos seus posicionamentos políticos. Atualmente, está aliado ao governo cuja administração é de Ricardo Coutinho do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Assim, resta-nos concordar com a assertiva de que a televisão, sendo mais do que um eletrodoméstico, é uma ambiência abrangente, que implica todo um estilo de vida, a reboque do mercado e da estetização orquestrada pela tecnologia comunicacional, (PAIVA e SODRÉ, 2002, p.130), da qual a política partidária e regional desenvolve papel significativo.

O que nos cabe destacar é que, nestes dois momentos eleitorais, o comando do programa Correio Verdade acompanhou as preferências políticas do Sistema Correio de Comunicação. Dessa maneira, o ambiente de produção do programa é influenciado por essas relações. O que nos obriga a observar a questão da sacralização da política, que será tratada mais adiante, dentro de um espaço tangenciado pelos interesses políticos do sistema de comunicação sob o qual está abrigado e também como resultado da rotina de produção adotada.

Além da emissora de televisão, fazem parte do Sistema Correio de Comunicação: o Jornal Correio da Paraíba, maior jornal do Estado; o Jornal Já!, líder no segmento C, D e E; 13 filiais e 12 afiliadas de rádio; o Portal Correio: líder no segmento; e a Revista Premium; e mais recentemente a RCTV, canal de Tv por assinatura.

O Correio Verdade é exibido de segunda a sábado, da 12h10min às 13h30min. Na grade de programação, o programa está localizado entre um telejornal esportivo e um programa de debates político. Segundo dados divulgados na *homepage* do programa, do total da audiência, que tem conquistado 46,18 pontos, 38% é formada por homens e 62% por mulheres. Entre as classes sociais, a que mais prestigia o programa é a classe C (50,14%). Para estabelecer um ponto de partida da nossa abordagem destacamos as definições do que seria uma prática ou um modo sensacionalista de produção da informação caracterizado pela:

a intensificação, o exagero e a heterogeneidade gráfica; a valorização da emoção em detrimento da informação; a exploração do extraordinário e do vulgar; a valorização de conteúdos ou temáticas isoladas e sem contextualização; a produção discursiva na

perspectiva trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica; a gramática discursiva fundamentada no desnivelamento socioeconômico-cultural entre as classes hegemônicas e subalternas, entre outras. (PEDROSO, 2001 apud AMARAL, 2005, p. 5)

Acreditamos, contudo, que enquadrar o programa na aura sensacionalista é reduzi-lo em suas dimensões. O conceito precisa ser revisitado, já que observá-lo como uma prática errada, pressupõe que tenhamos uma certa para por no seu lugar, o que não é realidade. Sem a disposição de amenizar ou tornar inocente a produção, sugerimos que a abordagem atende a uma demanda social que precisa ser investigada mais profundamente. Não compartilhamos a percepção de que o telejornalismo reproduz o real tal como é, já que “a notícia não só define, redefine, constitui e reconstitui significados sociais, mas também define e redefine, constitui e reconstitui maneiras de fazer coisas: os processos existentes e as instituições” (VIZEU, 2008, p. 14)

Naturalmente populares?

Apresentado por Samuca Duarte, que é formado em Biologia e Matemática e ganhou notoriedade no campo jornalístico atuando como radialista, o telejornal é um dos mais importantes produtos do Sistema de Comunicação. A atração tem um elenco de repórteres diferenciado, para os quais o Sistema Correio investe na construção da sua popularidade.

Samuca Duarte e o seu principal repórter, Emerson Machado, conhecido como Emerson “mô-fi”⁵, por exemplo, têm músicas produzidas especialmente para eles, que são veiculadas em vários instrumentos de comunicação do sistema. Contribui para a popularidade do elenco o fato de que a dupla apresenta um programa de rádio das 6h às 8h da manhã. O programa radiofônico, além de atender demandas específicas da programação das rádios do sistema, também atua como suporte para as ações que serão promovidas no âmbito da produção televisiva do Correio Verdade e na construção de um perfil paralelo dos seus principais atores.

No elenco de repórteres também figuram Marcos Antônio e Josenildo Gonçalves. O primeiro é conhecido como “Àguia” e foi uma das estrelas de um bloco de carnaval também promovido pelo Sistema Correio. O bloco carnavalesco “Deu Àguia”, jargão utilizado pelo repórter para a finalização de suas matérias, desfilou na quarta-feira de fogo ao lado do

⁵ Emerson Machado é conhecido como “Môfi”, pois costuma denominar seus entrevistados como seus filhos. Môfi é a contração sonora das palavras “meu filho”.

principal bloco da cidade de João Pessoa, “As Muriçocas do Miramar”. O apresentador do programa e os repórteres foram as principais estrelas do trio. O segundo repórter é conhecido como Cancão da Madrugada, pois é ele quem responde pelas coberturas das ocorrências do turno da noite. Josenildo Gonçalves esteve à frente da produção de uma matéria de repercussão nacional, na qual um rapaz tentou assassinar um inimigo diante das câmeras.⁶

Além de representar uma ruptura com o contexto do carnaval de João Pessoa, no qual os foliões desfilam gratuitamente, o Bloco “Deu Àguia” é uma evidência da aproximação da narrativa policial com a construção de uma máquina “cultural” ao seu serviço. Por isso, cabe destacar que a popularidade e os altos índices de audiência também são resultados da circulação deste tipo de conteúdo e produção. Contudo, resta uma preocupação, as músicas e os eventos, apoiadas no lúdico, difundem valores que colaboram para a naturalização da abordagem da violência e dos valores difundidos pela equipe de produção. Sob este enredo, resta-nos pontuar nosso esforço em promover uma análise televisual deste produto a partir das características do seu ecossistema midiático (SCOLARI, 2009). Separado do seu ecossistema poucas reflexões poderíamos promover de um produto que é construído sob a arquitetura da convergência midiática.

O programa intercala apresentação-matéria-comentário tendo comerciais veiculados no interior dos blocos que, por sua vez, são separados por intervalos comerciais. Um aspecto importante, é que o ritmo do telejornal é ditado pela sonoplastia e o jogo de câmeras no estúdio. O que foi possível observar nas matérias analisadas, nas quais a produção utiliza uma sirene de polícia como trilha sonora. O número de matérias depende da quantidade de ocorrências cobertas e também é determinante no ritmo que o programa vai adotar em cada edição. Na cobertura do Caso do Estuprador do Geisel, Samuca Duarte tece uma matéria à outra “xingando, vociferando, exteriorizando e socializando a repulsa do público” (AGRIMANI SOBRINHO, 1997, p. 40), o caso teve grande repercussão e gerou comoção na Paraíba.

Na órbita da política, a sacralização da polícia

O destaque para a exclusividade do encontro do repórter com o detido, mesmo depois da polícia ter organizado uma entrevista coletiva entre o estuprador e mídia paraibana, no dia 29 de julho de 2011, revela não só a busca pelo furo, como também uma

⁶ Como é possível constatar neste link: <http://www.youtube.com/watch?v=V4fOAizOeOE>

relação bastante aproximada da produção do programa com a polícia do estado. Na matéria intitulada “Emerson Machado conversa com o estuprador”, Fábio é enquadrado sem camisa, de costas, tendo os braços algemados. Entre ele e o repórter está impresso na parede o brasão do Batalhão que o prendeu. Após declarar que não tinha mais nada a falar à imprensa e que somente desejava pedir desculpas às famílias das vítimas, Fábio retorna à cela cambaleante, já que, segundo Emerson Machado, o preso tem recusado alimentação há três dias.

A tendência da busca pelo furo, compartilhada também com produções que aderem a rotinas produtivas mais elaboradas, pode ser visualizada em várias partes da cobertura. Chama a atenção, no entanto, a quantidade e o tempo dedicado às referências e agradecimentos às autoridades policiais. O que deixa transparecer uma relação que produções mais criteriosas se esforçariam em esconder ou, ao menos, mascarar. Os dois trechos transcritos abaixo, expressam a necessidade de autoreferenciar às amarras tecidas para a promoção do encontro entre a reportagem e o estuprador, além de transparecerem a força das relações face-a-face do contexto paraibano, reveladas pela constante referenciação às patentes e títulos.

Direto da Central de Polícia, ninguém tem, só aqui tem. Agora, ao vivo. Novas informações sobre o tarado do Geisel. Emerson Machado está ao vivo na central de polícia. Com exclusividade, Machado vai conversar com ele. Emerson Machado! (Samuca Duarte, 1 / 08 /2011)

Boa tarde! Telespectadores da TV Correio. Exclusivo para o Correio Verdade. Alô Paraíba, pode aumentar o volume das tevês, a Paraíba inteira agora vai acompanhar. Pela primeira vez, preste atenção! Nós estamos ao vivo aqui da Central de Polícia. Quero agradecer a grande delegada Doutora Joana D'arc, o Doutor Gilson, Doutora Daniele de Cunha. A todos da polícia civil da Paraíba. Ao secretário Cláudio Lima, esse brilhante secretário de segurança pública. Agradecer a todos os policiais militares, o tenente coronel Sousa Neto. Todos do serviço de inteligência da Polícia da PB. A todos, eu quero agradecer a todos os policiais. Olha, presta atenção. Todo acusado tem direito de defesa. Após três dias da sua prisão, nos estamos aqui ao lado dele. O carioca acusado de praticar... ele está sendo tratado pela imprensa brasileira, já que o caso ganhou repercussão nacional. Mostra aqui [pedindo para o câmera focar na delegada] a brilhante delegada Doutora Joana D'arc. (Emerson Machado, 1/08/2011)

Talvez possamos explicar este fato através da constatação de que o repórter é responsável pela construção de suas pautas, interagindo diretamente com as autoridades policiais. Emerson Machado, por exemplo, divulga com frequência o seu número de telefone, o que o torna um privilegiado na cobertura desses casos. É o repórter quem organiza o ambiente das reportagens, que poucas vezes são submetidas a um processo de edição mais elaborado. Vários são os exemplos de matérias produzidas em planos sequência. Algumas vezes, os repórteres da emissora chegam antes das autoridades policiais

à cena do crime. Durante a sua interação direta com o estuprador, Emerson interrompe a abordagem diversas vezes para retirar pessoas, pedir calma os presentes, alterar o cenário de matéria, convocar a atenção dos telespectadores, fazendo tudo isso com bastante autonomia.

A razão para que isto aconteça também pode ser explicada pelo contexto em que Samuca e Emerson Machado foram convidados para o assumir o programa. A dupla teve início neste campo em outra emissora de televisão, que inicialmente detinha uma concessão de canal educativo e mais tarde adquiriu um canal de caráter comercial. À frente do programa Cidade em Ação da Tv Arapuan, afiliada da Rede TV!, Samuca e Emerson, pela irreverência, foram se transformando em estrelas da cobertura policial campeãs de audiência e popularidade. Chegando a emplacar, inclusive, canções e caricaturas na mídia. O Correio Verdade que já tinha tradição na cobertura dos casos policiais perdia, dia-a-dia, sua audiência.

O Sistema Correio, então, contratou a dupla e desde o momento de contratação investiu na sua popularidade. Samuca e Emerson têm médias salariais muito acima da quantia paga aos profissionais do jornalismo paraibano, que gira em torno de 1.400 reais/mês. Ao contratar os dois profissionais ao mesmo tempo, o Sistema Correio investiu em um modelo de apuração e abordagem que os dois vinham consolidando na emissora concorrente.

Essa relação privilegiada e tão aproximada com os cenários e os contextos de produção das reportagens, transformou o repórter em fala autorizada quando se trata de matérias de outros veículos do Sistema Correio de Comunicação. Através do seu perfil no *Twitter*, Emerson disponibiliza informações preliminares sobre as coberturas que promove, sendo seguido por 37.080 internautas. Através da sua página na rede social, Emerson Machado já declarou que vai ser candidato nas Eleições de 2012. O seu *Twitter* funciona como suporte paralelo das coberturas, da sua atuação profissional e também da sua vida pessoal. Lá, podemos encontrar suas paqueras, fotos exclusivas de cenas de crimes que vão compor as matérias do Portal Correio, acidentes, entrevistas, velórios.

As matérias adotam características específicas de acordo com o perfil do repórter que está à frente de sua produção. O caso analisado nos permitiu refletir sobre o perfil de dois repórteres do elenco “fixo”, Emerson Machado que colaborou com a cobertura através de um link ao vivo na matéria “Emerson Machado conversa com o estuprador”, no dia 1 de agosto, e o repórter Marcos Antônio que cobriu a matéria intitulada “Estuprador: já são 16 vítimas e polícia revela que ele usava identidade falsa”, que resgata e atualiza o caso, no dia

2 de agosto de 2011. Além deles, também observamos a cobertura de um repórter que não é parte do elenco voltado exclusivamente para as pautas policiais, Saimon Cavalcanti. O repórter produziu a matéria “Estuprador carioca é transferido para presídio de segurança máxima”, no dia 4 de agosto. A reportagem foi complementada por uma outra matéria de Emerson Machado, que acompanhou o trajeto de Fábio de Sousa até o presídio.

Nas matérias produzidas por Emerson Machado e nos comentários de Samuca, são constantes as adjetivações do detido e é justamente neste momento que percebemos a evidente ausência de uma pauta preliminarmente construída. Quase que espontaneamente, o repórter Emerson Machado e o apresentador se revezam em denominá-lo como: monstro, tarado e safado. O Correio Verdade, mesmo tratando de um crime que nem sempre pode ser explicado pela opressão sofrida pelo sujeito que promove a violência contra outras pessoas “levanta a questão de desumanização dos sujeitos sem, no entanto, mencionar/analisar o contexto” (SÓLIO, 2010, p. 29).

O pouco cuidado com as adjetivações exibe a colaboração do jornalismo policial com a difusão da idéia de que o crime não é um processo, mas algo localizado, personificado (PAIVA e RAMOS, 2007, p. 27). O que nos leva a refletir sobre a contribuição da mídia na construção de tipificações como o vagabundo, o outro, o desocupado, o bandido, o “maleta” – como Samuca Duarte costuma classificar o cidadão suspeito de ter cometido algum ato ilícito. Este processo de tipificação é parte constituinte da nossa “construção social da realidade” (BERGER e LUCKMANN, 1985) e reflete na maneira como serão institucionalizadas as relações sociais, na produção de políticas públicas para aqueles que vivem em conflito com a lei, por exemplo. A expressão "classes perigosas", cabe destacar, vem sendo utilizada desde a segunda metade do século XIX para se referir a pessoas que se caracterizariam pela passagem em espaços de detenção ou mesmo por viver fora do mercado de trabalho e, ainda, para designar aqueles que viviam à margem da sociedade civil (COIMBRA, 2001).

A ação policial e as políticas públicas para o setor de segurança pública são tratadas como se não houvessem arestas e tropeços, já que são abordadas no seu clímax positivo, isto é, no momento em que a instituição pode expor a sua intervenção exitosa. A sacralização da polícia é resultado de um modelo de apuração pobre que a adota como a principal fala de autoridade, e cujo repertório de questionamento jornalístico coincide com o que a polícia deseja apresentar. No caso da cobertura analisada, podemos pontuar o trecho

em que Samuca, depois de bater um “cajado” várias vezes no chão do estúdio, entrevista a autoridade policial responsável pela prisão de Fábio de Sousa, transcrito a seguir:

O Tenente Coronel Sousa Neto, esse merece os elogios do povo da Paraíba. A polícia da Paraíba é melhor polícia do Brasil, tanto a civil quanto a militar. Os homens que trabalham no serviço de inteligência... é a equipe melhor do Brasil. Eu quero pedir desculpa por não citar o nome de todos que compuseram, dos que formaram a equipe, juntamente com o tenente coronel, por que não tenho o nome de todos na cabeça e para não cometer injustiça, não vou citar o nome. [...] Inclusive para manter o sigilo da operação é bom que não cite o nome. Mas o governador da Paraíba é para chamar todos eles e dizer: “- Eu vou homenageá-los”. Tem que homenagear de qualquer forma. Tenente coronel, a Paraíba toda lhe aplaude. Boa tarde, como foi a operação? me diga quem é esse safado que aparece na tela e agora chora. Me perdoe eu estar exaltado, é que eu não aguento. (Samuca Duarte, no programa do dia 29/06/2011)

Nesta ocasião, fica transparente o envolvimento emocional do apresentador. O sentimento de indignação manifestado por ele pretende ser o mesmo de sua platéia. A informação, portanto, é apurada em um contexto enviesado pelo emocional e é construída após uma longa epígrafe, cujo repertório é de engrandecimento do trabalho policial, mas também uma fala política polarizante (o bandido é o monstro e a polícia é o herói, digno de condecoração). Samuca define o seu espaço social, político e econômico, clamando o reconhecimento das autoridades policiais por outros poderes, através da sua competência técnica, solidificada no seu dia-a-dia de trabalho e pela valorização do espetacular. É necessário salientar que não se trata de classificar como negativa a ação da polícia no caso, mas de se preocupar com o exercício jornalístico pouco questionador e desconfiado.

Que jornalismo se revelou na demonstração de realização profissional?

Emerson e Samuca se dedicam a apurar se Fábio também foi o autor do crime conhecido como “Caso Rebeca”, em que uma garota foi violentada e assassinada, misteriosamente, quando ia para a escola na mesma zona geográfica onde o acusado costumava agir.

Na época, o programa repercutiu bastante o caso, associando às matérias e comentários sobre o fato a música gospel preferida da adolescente, que atingiu os *rankings* das canções mais pedidas pela audiência nas emissoras de rádio. A suspeita de que o estupro também tenha sido responsável pela morte da jovem evangélica Rebeca, foi levantada pelo Tenente Coronel quando entrevistado pelo apresentador nos estúdios do programa. Associando ao fato de que o estupro se apresentava como um homem

convertido e foi reconhecido em vídeos pregando para jovens e crianças, o programa desejava saber se ele frequentou a mesma Igreja que a estudante assassinada.

Fábio nega ter cometido os crimes que o atribuem, exceto os estupros de duas menores, já que de um deles a polícia encontrou um registro audiovisual em sua residência. Na entrevista coletiva, Fábio apela para as filhas e tenta se explicar declarando-se como viciado em crack. As perguntas realizadas pelos vários veículos que participaram da entrevista coletiva, organizada pelas autoridades que o prenderam, e na qual a equipe da Correio também esteve presente, foram repetidas na entrevista realizada com exclusividade para o telejornal.

Visivelmente exaltado, Emerson clamava ao entrevistado depois de cada pergunta “Diga a verdade, diga a verdade agora”. E prosseguia o questionário mesmo depois de sussurros do detido: “Quantas você estuprou? Diga a verdade! Diga a verdade! Revele para a gente”/ Você pegou a sua enteada, sentiu alguma vontade? Você foi violentado quando era criança? Você ficou frustrado com isso daí, é?”. As perguntas exigiam do entrevistado negações ou afirmações e partiam do repertório oferecido pela polícia. Porém, no contexto em que eram feitas, exploravam o que o ele já demonstrava não conseguir responder. Foi quando Emerson perguntou “O que você quer agora?”. E o preso concluiu dizendo que desejava pedir perdão. O repórter ordenou: “Olhe para câmera e peça perdão”. Argumentando que não tinha mais coragem, o estuprador é questionado pelo apresentador: “Oxe, você teve coragem de estuprar e agora não tem coragem de pedir perdão?”. O programa se coloca como uma oportunidade para o estuprador, mas é na verdade o espaço onde ele está sendo julgado.

Além de promover o esvaziamento da sua condição de humano, através das adjetivações escolhidas pelo programa e mesmo pelo espaço em que foi inquirido (encostado em uma parede, de cabeça baixa, sem camisa, depois de dias sem comer e algemado), o Correio Verdade deseja convencê-lo de que se trata de uma oportunidade de defesa pública. Quando o que se evidencia é a ausência de simetria entre as vozes autorizadas e a dele, estruturada nos limites de uma narrativa suficientemente poderosa para ditar a voz a ser ouvida.

Emerson tenta convencê-lo a sentir-se à vontade diante das câmeras dizendo: “Atenção! Preste atenção! A Paraíba parou agora. Olhe para mim. Olhe nos meus olhos. Eu quero olho a olho. Eu não vou lhe matar, nem vc vai me matar! Primeiro porque você está amarrado e eu estou solto, mas não mato ninguém”. Neste momento, mais uma vez a

retirada da condição de humano se expressa na dicotomia entre o “estar amarrado” e o “estar solto e conseqüentemente não matar ninguém”. Isto é, a reportagem esvazia o poder de ação do estuprador por ele estar algemado e esvazia o poder de fazer mal ao outro, do repórter, por estar solto e, talvez, trabalhando.

Emerge daí o que mais adiante Emerson vai manifestar mais claramente: sua percepção de atuação profissional. Machado não controlava o desejo de materializar a sua proximidade “exclusiva” como o acusado, dizendo: “Olhe para mim! Deixe eu pegar no seu cabelo agora! Eita, olha eu pegando na sua cabeça. A Paraíba toda está vendo ao vivo! Ao vivo!”. O repórter assanhava os cabelos do entrevistado, brincava com suas orelhas, quando foi interrompido pelo apresentador dizendo que muitos se recusariam a pegar naquela cabeça. “Mas eu estou pegando!”, concluiu incrédulo.

Além do grande entusiasmo que demonstrou em estar cara-a-cara com quem estava sendo considerado como o “maior estuprador do Brasil”, Machado deixou claro que aquele era o seu momento de realização profissional, como demonstramos na transcrição abaixo:

Eu quero dizer que nessas horas, eu e você temos uma responsabilidade muito grande! Vem aqui por favor! [*chamando a câmera*] Eu tenho tempo, Cristina [*Diretora do programa*]. Se não tiver tempo, pode falar, hoje pode me demitir, pode me butar para fora. Porque hoje eu estou realizado. Hoje eu quero dizer a Paraíba que estou realizado. Eu e Samuca Duarte, nós já estamos realizados. Se não fizermos mais nada na Paraíba até eu morrer, nós já estamos realizados. Já cumprimos o nosso dever, mas eu quero dizer que não posso reagir como um ser humano qualquer, normal. Não posso. Estou diante de uma câmera ao vivo, está o estado inteiro ligado. A vontade que me deu agora, naquele alisado na cabeça dele, era decepar a cabeça dele, mas eu não posso decepar. Os Direitos Humanos. Eu ia ser preso. Quem ia para a carceragem era eu. Não posso, eu tenho de me controlar. Doutora, [*referindo-se à delegada*] pegue nas minhas mãos aqui, por favor. Diga como está, diga a verdade, diga para Samuca ouvir. [*ela responde: - está gelada*] Eu estou frio, Samuca. (Emerson Machado, 2 de agosto de 2012) [*grifos nossos*]

O repórter confunde a sua responsabilidade, como um sujeito da mídia, com o fato de ter controlado o desejo de decepar a cabeça do entrevistado e se sente realizado pelo contato direto que estabeleceu com o estuprador. Emerson reforça a desconstrução diária comumente promovida pelo telejornalismo policial dos Direitos Humanos, declarando que o controle que acreditou ter, o protegia do poder dos “Direitos Humanos” de incriminá-lo em nome da defesa do bandido.

Apesar de se aproximar do desejo popular de justiça, Emerson distancia-se da reação natural “de um ser humano qualquer, normal”. Concluímos então que o repórter acreditou ter adotado a postura correta diante da situação. De frente com o preso, evitou se dirigir a

ele de modo pejorativo e tentando, inclusive, deixá-lo à vontade. Mas em outras matérias não evitou denominá-lo como monstro.

Apontamentos finais

No contexto de um programa policial, o projeto de cidadania se evidencia na defesa diária de que a paz social pode ser construída apenas através da investigação criminal. E, às vezes, não se exclui a possibilidade da morte como ferramenta eficaz para estabelecê-la.

A análise do Caso do Estuprador do Geisel nos permite afirmar que em todos os seus aspectos a produção extrapolou o desejo informativo do jornalismo, exaltando o aspecto punitivo, com o intuito de se aproximar da repulsa do público diante dos crimes cometidos pelo acusado. Aproximação, que se processa pelo desejo de, dentro da lógica de mercado, manter a audiência do programa, mas também pela aposta de que abordagem será bem acolhida pelo público. E foi.

Somente para efeitos de comparação, um caso recente de violação dos Direitos Humanos promovido pela mídia, teve repercussão nacional e resultou na demissão da jornalista que interpelou um jovem negro acusando-o de ser estuprador e zombando do fato de que ele não sabia pronunciar o nome do exame de próstata. O jovem, com visíveis marcas de violência no corpo, declarava sua inocência e se mostrava disposto a realizar a perícia necessária para comprovar que não havia estuprado ninguém.

Por se tratar de abordagens de momentos críticos e de conflito com a ordem instituída, o telejornalismo policial tem seu “o discurso moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações em um nível societário” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91), assim como toda produção de discurso. Nossa observação não descarta o fato de que o programa é exibido no contexto de uma concessão pública de radiodifusão e que também é patrocinado por verbas públicas, o que de certa forma potencializa a violação de direito instituídos. Porém, acreditamos na defesa da democratização da comunicação e da criação de um marco regulatório para o setor, salientando que a grande audiência destes produtos pressupõe por parte do público a aceitação de um vínculo. Esta premissa nos leva a questionar sob quais aspectos estes vínculos são estabelecidos e acreditar que a mudança social desejada não brotará apenas da aplicação de novas regras de produção. A alteração desse panorama depende de outros níveis e precisa ser orquestrada sob diversas faces.

A ausência de um marco regulatório sólido para o setor, todavia, é grave. O mesmo programa que analisamos já cometeu violações de Direitos Humanos e pouco sofreu. No dia 30 de setembro de 2011, o Correio Verdade exibiu trechos de um estupro de uma menor de idade, depois de anunciar em cada bloco o vídeo como atração.

O Ministério Público Federal aplicou uma multa de 5 milhões de reais ao veículo e o pagamento de uma indenização à vítima no valor de 500 mil reais, além da suspensão do programa, mas teve seus pedidos negados pela justiça da Paraíba. A juíza alegou a dificuldade de garantir a liberdade de imprensa e, ao mesmo tempo, salvaguardar os cidadãos das opressões que podem ser promovidas pela mídia, através da Constituição Federal. O Sistema de Comunicação pagou apenas uma multa no valor de 4.657, 25 reais⁷, os veículos ligados ao Sistema Correio, incluindo as redes sociais dos funcionários, empreenderam uma intensa campanha para enquadrar o caso como um mecanismo de censura, com o intuito de dificultar a busca pela “verdade”.

Por isso, é necessário salientar também que a nossa análise só foi possível pela disponibilização voluntária do conteúdo produzido pela produção na *homepage* do programa, onde o *download* é proibido. Passando pelo filtro da emissora, a abordagem pareceu não apresentar pontos capazes de gerar problemas futuros. O que reforça a perspectiva de que há uma noção equivocada do fazer jornalístico sustentando tudo isso. Ficamos à mercê desse filtro e não podemos afirmar que o conteúdo exibido ao vivo foi o mesmo, já que não há nenhum mecanismo de interesse público que registre e acompanhe todo o volume de produção midiática do nosso país. Sem esse instrumento básico de recuperação do que é exibido, reduz-se a capacidade de mobilização em torno da cobrança da excelência daqueles que detêm uma concessão pública de radiodifusão e a defesa plena do respeito aos Direitos Humanos.

Referências

AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo, um conceito errante**. In: Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

⁷ Como é possível verificar aqui : <http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/radiodifusao/fortalecimento-da-acao-fiscalizatoria/319-temas/radiodifusao/fortalecimento-da-acao-fiscalizatoria/25169-resumo-das-sancoes-aplicadas-em-decorrencia-de-processos-de-apuracao-de-infracao-pais> . O volume de verba arrecadado com as multas aplicadas pelo Ministério da Comunicação, por si só, demonstra a parca regulação da mídia no Brasil.

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro, e-papers, 2005.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

COIMBRA, C. **Operação Rio**: o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, Niterói: Intertexto, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Isabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ARAÚJO, Carlos Alberto Avila. **Dramas do cotidiano na programação popular da Tv brasileira**. In: FRANÇA, Vera (org.). *Narrativas televisivas: programas populares na TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PAIVA, A. e RAMOS, S. **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

PAIVA, R. e SODRÉ, M. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

PINTO, M. **Semiologia e Imagem**. In: Braga, J.L, Porto, S.D & Fausto Neto, A. (Orgs.) *A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro, Diadorim/COMPOS, 1995.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Televisão Digital**: desafios para a comunicação. Livro da Compós, Editora Sulina, 2009.

SÓLIO, Marlene Branca. **Violência**: um discurso que a mídia cala. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

VIZEU, Alfredo. (org.) **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.